

Seção do Professor

# EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS: RESSONÂNCIAS DE UM ENCONTRO FÍLMICO

EDUCATIONAL EXPERIENCE: RESONANCE OF A FILMIC MEETING

**Vivien Kelling Cardonetti**

Doutoranda em Educação pela UFSM.

**Francieli Regina Garlet**

Mestranda em Educação pela UFSM.

**Marilda Oliveira de Oliveira**

Doutorado em História, Geografia e História da Arte pela Universidade de Barcelona.  
Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM.

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
Santa Maria – RS – Brasil

Endereços:

Rua Padre Júlio Sachet, 173.  
Perpétuo Socorro - Santa Maria - RS.  
CEP: 97045-380

Rua Eryl de Almeida Lima, 211/ 302.  
Camobi - Santa Maria - RS.  
CEP: 97105-120

Rua Engenheiro Luiz Bollick, 305/202.  
Nossa Senhora de Lourdes - Santa Maria - RS.  
CEP: 97050-210

**E-mails:**

vicardonetti@gmail.com  
francieligarlet@yahoo.com.br  
marildaoliveira27@gmail.com

## RESUMO

Este trabalho tenciona discutir como acontece na experiência educativa o encontro com imagens fílmicas, e o que se produz a partir desse encontro. Tem a intenção de trazer algumas questões à pauta para que se possa pensar aquilo que tem a capacidade de afetar e inquietar em um encontro fílmico, permitindo pensar e dar outros sentidos à nossa experiência educativa. Com foco nas ressonâncias suscitadas a partir da experiência em assistir ao filme *Los colores de las flores* com os estudantes do Curso de Graduação em Educação Especial à Distância (UFSM), na disciplina de Artes Visuais e Educação Especial, foi possível tecer problematizações em relação a esse encontro, dialogando com noções de "multiplicidade", "variação contínua" e "linhas de fuga" de Deleuze e Guattari (1995a, 1995b) em cruzamento com noções de "escuta" de Larrosa (2007).

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiência educativa. Encontro fílmico. Problematizações.

This work intends to discuss how the encounter with filmic images happens in educative experience, and what is produced from this meeting. It has the purpose of bringing some issues on the agenda so that we can think what has the capacity to affect and disturb a movie meeting, allowing us to think and give other senses to our educational experience. Focusing on the arising resonances from the experience in watching the film *Los colores de las flores* with the students of Special Distance Learning Graduation Course (UFSM), in the discipline of Visual Arts and Special Education, it was possible to comment on problematizations regarding to this encounter, talking with notions of "multiplicity", "continuous diversification" and "vanishing lines" of Deleuze and Guattari (1995a, 1995b) by the intersection with the notions of "listening" of Larrosa (2007).

**KEYWORD:** Educative experience. Filmic meeting. Problematizations.

## POSSIBILIDADES DE UM ENCONTRO...

Nos diferentes percursos da nossa experiência educativa, somos surpreendidos com encontros e com eles somos desafiados a efetuar cruzamentos, composições e rupturas. Nestas conexões, adquirimos elementos, perdemos outros, sentimo-nos afetados ou não pelos nossos intercessores.

Quando Deleuze (1988-1989, p. 11) coloca "não estou certo de ter um encontro, mas parto à espreita", faz-nos pensar que os encontros nem sempre acontecem, algumas vezes eles nos escapam, justamente por não serem evidentes. É preciso estar atento e receptivo aos convites que eles nos endereçam. Deleuze também explicita que "temos encontros com coisas, antes de tê-los com pessoas" (1988-1989, p. 13), pois eles podem acontecer de diversas formas, por meio de um filme, uma carta, uma poesia, uma obra, uma fotografia, uma música; todas podem ter potência problematizadora, desestabilizadora e inventiva, fazendo-nos vislumbrar outras possibilidades.

Pensando nisso, interessou-me pesquisar como acontece na experiência educativa o encontro com coisas, especialmente com filmes, e o que se produz a partir desse encontro. Por isso, o desafio deste texto é trazer algumas questões à pauta para que venhamos a pensar aquilo que tem a capacidade de nos afetar e inquietar em um encontro fílmico, fazendo-nos repensar a nossa experiência docente.

Com foco nas questões suscitadas a partir da experiência em assistir a um filme com os estudantes do Curso de Graduação em Educação Especial a Distância (UFSM), foi possível tecer discussões em relação a esse encontro, dialogando com noções de "multiplicidade", "variação contínua" e "linhas de fuga" de Deleuze e Guattari (1995a, 1995b) em cruzamento com noções de "escuta" de Larrosa (2007).

## QUANDO ACOLHEMOS OUTRAS FULGURAÇÕES...

Deixar-se visitar por encontros imprevisíveis, movimentando-se em direção ao território do inusitado, é possível quando nos permitimos estar abertos a 'escutar' o que não imaginamos, o que não conhecemos, o que não queremos, o que não acreditamos, o que não necessitamos, o que não apreciamos (LARROSA, 2007).

Neste texto, utilizo o conceito de 'escuta' de Larrosa (2007) para me referir a tudo o que lemos, ouvimos, visualizamos e assistimos. A experiência da 'escuta', por vezes, oferece-nos uma dimensão de incerteza, pois não é possível anteciper o que obteremos em um encontro.

Temos a tendência em desativar essas forças que nos colocam em situações de risco, sufocando nossos estranhamentos. Por isso, acabamos impedindo e neutralizando qualquer 'escuta' que venha nos desacomodar. Buscamos uma variante de nós mesmos, e quando não encontramos, acabamos

negando. O receio de nos aventurarmos em direção ao desconhecido contribui para que venhamos a reduzir tudo a nossa imagem, favorecendo que muitos encontros passem a não acontecer.

Na experiência educativa, encontramos professores que, na ânsia de impedir o confronto do heterogêneo e de facilitar o ajuste entre o que está sendo endereçado e o que está sendo compreendido pelo estudante, preferem oferecer tudo pronto, simplificando o que é complexo. Essa facilitação minimizadora não propicia que o estudante tenha a possibilidade de trilhar espaços desconhecidos e incertos, de pensar diferente, de fazer conexões com outros pontos, de ir além.

No momento em que o professor propicia antecipadamente o sentido essencial de um filme, conduzindo os estudantes a pontuarem aspectos que ele mesmo outorgou, "está também cancelando, de uma forma autoritária e dogmática, a possibilidade de escuta" (LARROSA, 2007, p. 146). Acreditar no estudante, sem subordiná-lo e/ou subestimá-lo, requer oferecer momentos em que a problematização, a negociação, as escolhas e as invenções estejam presentes. Kastrup (2007, p. 168) reforça que "não há possibilidade de extrair a invenção, a criação cognitiva, de uma cognição que opera com base num programa fechado, no interior de limites invariantes e intransponíveis".

## RESSONÂNCIAS DE UM ENCONTRO...

Conforme Carola Conle (2000, p. 53 *apud* HERNÁNDEZ y RIFÁ, 2011), a noção de ressonância é vista como "un proceso que hace avanzar la indagación, produciendo más y más historias". Pensando desta forma, resgato um encontro que me parece ser interessante para lançar um olhar atento, pois as ressonâncias emitidas nesse encontro continuam a me provocar, desafiando-me a inventar outras.

O encontro aconteceu no segundo semestre de 2012, quando compartilhei experiências educativas com oitenta e dois estudantes de três polos (Foz do Iguaçu-PR, Livramento-RS e Três Passos-RS) na disciplina de Artes Visuais e Educação Especial. Ao trabalhar com o conteúdo Fundamentos da Linguagem Visual, propus que assistissem ao curta espanhol *Los colores de las flores* e postassem no ambiente virtual da disciplina questões para discussão a partir do filme. Minha intenção era que esse encontro não servisse apenas como suporte reflexivo, mas que ele fosse pensado como disparador de inquietações e problematizações.

O curta *Los colores de las flores*, da produtora *Films Bosalay*, com duração de quatro minutos, apresenta a história de um menino (Diego) que enfrenta o desafio de uma atividade escolar. Sua professora solicita que todos os estudantes da classe façam uma redação sobre as cores das flores. Sem o recurso da visão, ele inventa uma lógica singular para se relacionar com a realidade e passa a criar significados para além das definições usuais e totalitárias.

Logo que lancei o convite para assistirem ao filme, não demorou muito para que os estudantes começassem a postar questões no ambiente virtual. Sabia que era um filme provocador, mas não tinha consciência da dimensão do quanto este encontro iria reverberar em problematizações. As três turmas tiveram catorze dias para postar a atividade no Fórum, muitas colocações foram enviadas, mas, neste texto, acabei lançando refletores para determinadas mensagens, com o intuito de dialogar com alguns conceitos.

Neste encontro, os conceitos tiveram a intenção de não serem tomados na sua forma exata, como decalque, mas tensionados quando operados junto ao filme, às considerações dos estudantes em relação ao filme e também junto ao deslocamento de meu próprio pensamento. A seguir, relato alguns escritos produzidos pelos estudantes que a mim parecem suscitar diálogos com determinados conceitos:

### O exercício da 'escuta' no encontro

"A professora deveria levar em consideração a deficiência visual que o menino apresenta e adequar o desafio proposto a sua situação de cego. (...) ela generalizou a atividade sem preocupar-se como Diego efetivaria a tarefa" (Acadêmico 01).

"Como uma professora que sabe que em sua sala existe uma criança cega, sugere esse tipo de atividade? Esse questionamento pode também nos levar a pensar que essa mesma professora sabe que essa criança cega é capaz, ou seja, conhece suas limitações e seu potencial e através dessa atividade o desafiou a querer buscar uma resposta" (Acadêmico 02).

"(...) as possíveis dificuldades do estudante deve ser respeitada, procurando sempre fazer que estas sejam sanadas, sendo assim, a meu ver a professora deveria antes de pedir a atividade, ver se todos os estudantes tinham conhecimento do que é cor e se conhecem as mesmas" (Acadêmico 03).

"O menino poderia simplesmente dizer eu não vejo cores, como vou fazer isto? Mas ele aceitou o desafio e fez a atividade criando uma lógica particular para se relacionar à realidade, criando definições diferentes para as cores das flores" (Acadêmicos 04 e 05).

Muitas colocações foram feitas, alguns estudantes se sentiram descontentes com as questões que o filme suscitava, outros se mostraram intrigados com as novas possibilidades. Os quatro fragmentos selecionados para dialogar com a noção de 'escuta' de certa forma expõem o teor das discussões nos primeiros dias. Consegui, com muito esforço, pronunciar-me no Fórum somente no décimo dia. Silenciar-me foi um exercício que requereu muito esforço. Relato isso, pois tenho pensado o quanto a experiência de deixar o outro aprender é difícil, pois requer espaço, silêncio e escuta. Instigar e fazer movimentar as inquietudes de cada um, sem conduzir e direcionar os estudantes a algo preestabelecido requer um ambiente problematizador.

Exercitar o silêncio, não respondendo o que nós mesmos perguntamos, é algo desafiador. Calar-se no meio de discussões que estão se encaminhando para questões que não se acredita, requer muito esforço. Para ouvirmos outras vozes, é preciso deixar vir à tona os contratempos, as dúvidas, os questionamentos, o mal-estar, os desconfortos. Silenciar, por vezes, pode contribuir para que venhamos exercitar mais a nossa escuta, possibilitando a experiência de ouvir nossos estudantes.

Compartilhar com os outros o nosso olhar, sem impor que todos tenham o mesmo, mantendo um espaço aberto para que os outros exponham suas diferentes visões e inquietudes, exige generosidade. Isto, "porque para deixar aprender tem-se de eliminar muitos obstáculos. Entre eles, a arrogância daqueles que sabem" (LARROSA, 2007, p. 148). Eu acrescentaria, para aqueles que acham que sabem, pois a tônica dos nossos tempos nos mostra que os estudantes têm um repertório cada vez maior, possibilitando com isso um maior número de relações.

#### A multiplicidade como possibilidade em um encontro

"Confesso que quando vi o vídeo, em um primeiro momento pensei: mas o menino está errado! Não existe um pássaro para cada cor! Depois percebi que a errada sou eu, que não percebo o que ele percebeu... Quem disse que não existe um pássaro para cada cor? Quem disse que a minha percepção e significação do mundo é a que está certa?" (Acadêmico 06).

O encontro com Diego nos rouba as certezas, pois introduz conceitos que desconhecemos, faz relações que não supúnhamos existir e nos desafia a pensar nas diferentes possibilidades de se chegar a um resultado, mesmo que provisório. Ele potencializa em nós o elemento da dúvida, ressalta a nossa fragilidade perante o que entendemos sobre as coisas e sugere "múltiplas formas de reinventar relações que ainda não estariam tomadas e inteiramente permeadas por sentidos e controles institucionais" (MARCELLO, 2008, p. 73).

As verdades com as quais atuamos são construídas social e culturalmente e por isso são provisórias e sujeitas a constantes revisões e invenções. O filme nos encoraja a auscultar outras possibilidades, pois não se trata de escolha do conceito mais apropriado, nem de união, mas de composição. O filme nos oportuniza pensar que é possível ser isto, aquilo e mais aquele outro, pois quanto mais variadas forem as possibilidades, mais conexões estarão em movimento numa multiplicidade.

#### Encontros com múltiplas entradas

"A tudo que nós seres humanos realizamos, atribuímos sentido e damos significados por meio de nossas relações com o mundo. (...) O menino escreveu os sinais que interpretou no campo, através do canto dos passarinhos, de forma emocionante. (...) e assim, interpretou as cores das flores de forma diferente da qual estamos acostumados" (Acadêmicos 07 e 08).

O filme nos instiga a pensar outras composições, fugindo de conceitos reconhecíveis e seguros, e lança a possibilidade de engendrar outras possibilidades. Desafia-nos a exercitar um movimento de pensamento, pois nos deslocou "do afirmativo 'é assim' para aquele, talvez provocativamente, do 'e se fosse assim?'" (MARCELLO, 2008, p. 89).

Deleuze e Guattari (1995a, 1995b) expõem que existe uma disputa na linguagem entre o verbo 'ser' e a conjunção 'e', entre 'é' e 'e'. O verbo 'é' transmite rigidez, ele é definitivo, e a conjunção 'e' se refere à variação contínua. O 'é' nos remete ao modelo da árvore, que é filiação, onde se busca vias expressas que progridem em direção a algo, necessitando estar ligado a uma estrutura principal, que volta sempre ao mesmo. A conjunção 'e... e... e...' nos reporta ao rizoma que é aliança.

O termo 'e' nos permite perambular no rizoma, transitando de forma descontínua, sem ter um porto seguro para desembarcar e definição precisa a encontrar. Por possuir múltiplas entradas, o 'e' pode explorar situações que fogem do controle, agregando o impensável, o imperfeito, o imprevisível.

Pensar a potência da conjunção 'e' significa perceber a relação intensiva que o termo 'e' propicia, percebendo as zonas de vizinhança e as suas relações de intensidade, mas principalmente de implicação. Pois "uma expressão tão simples como e... pode representar o papel de tensor através de toda a linguagem" (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 44).

O filme nos possibilitou encontros interessantes, incitou-nos a rever certos conceitos que acreditávamos serem únicos e eternos, fazendo-nos vivenciar coisas diferentes. Talvez seja o momento "de deixar de insistir na verdade das coisas e começar a criar as condições para a pluralidade do sentido. (...). E isso é dar um sentido de contingência, de relatividade e, enfim, de liberdade" (LARROSA, 2007, p. 155).

### Pequenas brechas onde a inventividade escorre

*"Diego resolve romper barreiras com seu próprio eu, ir além da mesmice diária, acreditar que se pode fazer algo, mesmo quando isso não parece algo provável" (Acadêmicos 09, 10 e 11).*

Diego, sem o recurso da visão, inventa outro conceito para as cores das flores, e acaba utilizando uma linha não reconhecível, uma linha que foge do que é preestabelecido. Os corpos diante de sua impossibilidade inventam linhas de fuga, deslocam-se por fluxos surpreendentes, desencadeando diferentes conexões e inventando algo inusitado.

A linha de fuga pode parecer no primeiro momento fios que confundem e incitam a paralisação, conduzindo para a alienação e a desistência. No entanto, a fuga não significa "se recusar à ação e tampouco se evadir da realidade, mas um ato de criação – um experimento invenção" (TÓTORA, 2004, p. 242).

Por mais que se busque negar as linhas de fuga, elas sempre estarão lá, servindo de escape. "É evidente que a linha de fuga *não vem depois*, está sempre desde o início" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 79). São realidades talvez não visibilizadas, mas estão lá para serem vistas, utilizadas e inventadas a cada situação. Os clarões gerados pela luz que damos as coisas fazem com que se obtenha a visibilidade das linhas de fuga. Esses focos de luz nos fazem visualizar situações que eram imperceptíveis até então.

As linhas de fuga são inventadas quando operadas efetivamente na vida. "Certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais. Certos grupos, certas pessoas não possuem essa espécie de linha, ou a perderam" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76). Talvez, a dificuldade se encontre em se aventurar no imprevisível, no instável e no incerto da vida. O receio em intervir em si mesmo e se deixar desconjuntar, fraturar e deformar acaba prevalecendo.

Temos a tendência de evitar as sensações de estranhamento e desamparo, preferimos as linhas molares, pois nos causam segurança, organização e conforto. "Tememos, o tempo todo, perder. A segurança, a grande organização molar que nos sustenta, as arborescências onde nos agarramos, as máquinas binárias que nos dão estatuto bem definido" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 109). Desativar em nós esse determinismo, essa estabilidade requer muito esforço, pois a linha molar está em toda parte, já que ocupa e atravessa toda nossa vida, e por vezes parece sempre ter êxito. É necessário abertura para se deixar visitar por linhas em que operam vozes que divergem entre si, em que a polifonia parece prevalecer.

### A potência inventiva do professor no encontro

*"Podemos perceber que a tarefa é proposta aos estudantes igualmente, pois a professora acredita no potencial de cada um e que cada um irá realizar sua atividade de forma particular, fazendo um percurso com diferentes caminhos" (Acadêmico 12).*

Ao aceitar um conceito não reconhecível e que não represente a totalidade, a professora possibilita que as crianças passem a ouvir uma definição diferente sobre as cores das flores, talvez não tão conhecida, mas não menos significativa.

A professora, ao 'escutar' e levar em consideração o conceito de Diego, faz uso da conjunção 'e' e abre a possibilidade de explorar novas entradas, facultando outras composições. Potencializa, também, a vinda do que não se pode prever, abrindo-se a situações inimagináveis e estando receptiva ao que não é costumeiro. Ao agir dessa forma, a professora também se coloca em variação contínua, pois ao se permitir experimentar outras possibilidades, ela acaba se constituindo e se encontrando em processo de vir a ser.

#### A singularidade de um encontro

*"Os questionamentos são muitos, pois o assunto é complexo. Não estamos estudando para sermos profissionais na área da Engenharia, por exemplo, onde os cálculos são exatos, as fórmulas não mudam, existem receitas prontas e fixas. Em nossa futura profissão não existem receitas, não há como ter um padrão fixo a ser seguido, um jeito só de aprender e ensinar"* (Acadêmicos 05 e 06).

O que procede de um encontro é constantemente particular. Os arranjos de composição que são utilizados em uma experiência educativa não têm como serem reproduzidos ou reprisados em outro momento, pois são proposições singulares. Pensar a potência das combinações significa compreender a relação intensiva que os diferentes elementos possuem, são multiplicidades que variam continuamente, e por isso não se assemelham a universalidades, a determinismos e a representações.

Nossos encontros são únicos, intransferíveis e ninguém poderá trilhar ou falar por nós. Mesmo que queiramos que outros se apropriem das ressonâncias produzidas em nossos encontros, eles sofrerão alteração conforme a experiência de cada um.

O encontro com o filme, para cada um, ressoará de forma singular, trazendo diferentes problematizações. Em alguns casos as vibrações causadas pelos questionamentos propostos não são suficientes para causar abalos na estrutura; em outros, as ressonâncias são mais intensas, requerendo inventar novas perguntas, pois as que se tinha não dão mais conta dos anseios. Ocorre também que, em função das vibrações, rachaduras sutis acontecem, tornando-se visíveis somente mais adiante.

#### Atravessamentos que nos impelem a problematizar nossas práticas educativas

*"Nós, como futuros professores, sabemos realmente valorizar as potencialidades dos nossos estudantes, ou, visualizamos somente suas limitações? Ou ainda, será que respeitamos o jeito que os nossos estudantes veem e significam o mundo, ou percebemos tudo conforme a nossa visão de mundo?"* (Acadêmicos 05 e 06).

Ao sermos atravessados pelo filme, é possível também problematizar as nossas próprias experiências educativas. O movimento de se deixar cruzar por experiências alheias oportuniza obter um determinado afastamento do que estamos fazendo, passando a visualizar as situações e a nós mesmos sob outro prisma. Esses encontros podem propiciar o reconhecimento ou a aproximação de um 'quem' que talvez ofereça estratégias que altere toda a situação e indiquem outras maneiras de pensar a própria vida.

Ao nos deslocarmos, somos convidados a compor com outros elementos, a pensar de forma diferente e a agir de outro modo. Muitas vezes, os atravessamentos propiciam que sejamos transferidos "de un lugar en el que no quiere estar por más tiempo (pero quizá nunca se había dado cuenta de esto) a un lugar que quiere probar por un tiempo (incluso sin conocer con seguridad lo que allí hará o encontrará)" (ELLSWORTH, 2005, p. 50).

Este encontro também me fez pensar a minha experiência educativa, reverberando outras questões: como estou fazendo uso das minhas experiências educativas? Os momentos de inquietude e incerteza que são suscitados são negados ou prevenidos? E quando eles surgem, como lido com essas situações? Estou oferecendo brechas para as interrupções e os escapes? Estou propiciando espaços vazios nos quais os estudantes tenham oportunidade de inventar outras coisas?

É interessante reconhecermos a potência que os questionamentos possuem, pois na problematização, os problemas têm a faculdade de se fazerem múltiplos, pois possuem a capacidade

de serem lançados aos quatro ventos, explorando outras composições. Ao espalharem-se no horizonte, misturam-se outros elementos aos questionamentos, instigando o relançamento de outras problematizações.

### Estar à 'espreita' de encontros

"(...) ao ler as participações feitas pelos colegas no Fórum pensamos sobre o posicionamento de cada um, abrindo um leque de novas possibilidades" (Acadêmico 13).

As implicações com as zonas de vizinhança nos possibilitam estar em variação contínua quando estamos à espreita e receptivos aos encontros. Agregar vozes que destoam entre si pode nos causar incômodo, mas também pode nos surpreender, operando em nós articulações que não imaginávamos. Acolher as ideias estranhas, o insuspeitável e o incerto podem significar a conexão com outros intercessores, possibilitando tramar outras interlocuções. Esses encontros nos causam tensionamento, receio e temor, pois não é fácil deixar a dúvida, o diferente, o instável, o múltiplo, invadirem a nossa vida.

Comungo com Fischer (2005, p. 135), quando ela pondera que o grande salto para a diferença em nossas pesquisas e também, eu acrescentaria, para as nossas experiências educativas, "tem a ver com uma atitude de abertura, de entrega a esse estranho (...) que passa a nos habitar a partir de um dado momento" em nossas vidas. Esse estranho pode ser uma teoria, um autor, uma imagem, um filme, uma situação que foge ao controle, um conceito discrepante, uma opinião divergente, enfim tudo aquilo que nos faz tensionar. Abrir-se aos encontros requer coragem de admitir a provisoriidade do saber e de nos deixar visitar pelo 'outro' diferente de nós, de sermos levados, penetrados, irrompidos pelo inusitado.

## CONCLUSÕES QUE POSSIBILITAM ESPAÇO PARA OUTRAS RESSONÂNCIAS...

Na experiência educativa, o encontro fílmico pode ser um vetor de ressonâncias, pois ele tem a possibilidade de incitar a invenção de nós mesmos. Ao nos relacionarmos com o curta *Los colores de las flores*, permitimo-nos afetar ou não pelos signos emitidos, fazendo uso do pensamento. Para Foucault, o pensamento "não é o que habita uma conduta e lhe dá sentido; é antes o que permite tomar distância com relação a este modo de agir ou de reagir, de assumir como objeto de pensamento ou de questionar seu sentido, as suas condições" (1984, p. 388).

Ao tomar distância do que acreditamos como único e verdadeiro, acabamos nos permitindo visualizar e dar atenção a outros encontros. Esse movimento possibilita problematizar questões que estavam naturalizadas, desconstruindo leis de normalidade. A problematização não tem a intenção de paralisar e sim acionar a construção de um objeto de pensamento livre. O exercício do distanciamento consiste em ter liberdade e coragem de se separar do que se faz, do que se acredita, do que se tem como verdade, e se abrir a outras possibilidades.

A docência é um ambiente privilegiado para experienciarmos, pois propicia infinitas possibilidades de sermos diferentes do que somos. No entanto, sabemos que essa reconstrução tem muitas implicações, pois significa estar disposto a se desconstruir e se reinventar constantemente. Manifesta-se também em estar propenso a operar em situações de desencaixe, com riscos e fracassos, resistindo à tentação de se acomodar em padrões preestabelecidos. É na implicação de todos os envolvidos em uma experiência educativa que vamos constituindo-nos docente, tornando-nos singulares, mas ao mesmo tempo vários, pois somos múltiplos.

Reconheço a incompletude desse trabalho, pois mesmo agora, ao finalizar o texto, o filme, juntamente com os conceitos trabalhados e os escritos dos estudantes, continuam promovendo outros convites ao encontro, reverberando outras ressonâncias. Que as lacunas e os vazios deixados possam servir de disparadores para que se continue misturando outros elementos, inventando inusitadas composições e relançando diferentes problematizações.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução

e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 1, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 2, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 3, São Paulo: Ed. 34, 1996.

ELLSWORTH, Elisabeth. **Posiciones en la enseñanza**: diferencia, pedagogía y el poder de la direccionalidad. Akal: Madrid, 2005.

Filme '**Los colores de las flores**'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BhheUpOB640>. Acesso em: 13 fev. 2013.

FISCHER, Rosa M. B. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 117 a 140.

FOUCAULT, Michel. **Polêmica, Política e Problematizações**. Entrevista disponibilizada em maio de 1984, a internet. Disponível em: [http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana/polemica\\_politica\\_problematiz.htm](http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana/polemica_politica_problematiz.htm) Acesso em: 13 fev. 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando; RIFÀ, Montserrat (Orgs.). **Investigación autobiográfica y cambio social**. Barcelona: Octaedro, 2011.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 129 a 156.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Criança e imagem no olhar sem corpo do cinema**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2008.

TÓTORA, Silvana. Devires minoritários: um incômodo. **Verve**, Revista Semestral do Nu-Sol, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, n. 6, p. 229-246, out. 2004.

## NOTAS

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BhheUpOB640>

Artigo recebido em 15/03/2013

Aprovado em 25/06/2013